

## Oferta<sup>1</sup>

A certa altura, admiti que uma nova edição deste meu livro pudesse vir a lume no Brasil em 2016. Como nesse ano de 2016 se completavam trinta anos sobre o falecimento do meu pai, escrevi as palavras de saudade e homenagem que seguem. Aquele meu projeto não se cumpriu, mas a saudade aumentou e as razões para a homenagem também. Por isso deixo aqui as palavras que escrevi há pouco mais de um ano.

Quando o meu pai morreu, eu tinha quarenta anos. Era quase uma criança... Talvez por isso tenha sentido tanto a falta dele e a injustiça que a vida fez com ele, levando-o mal tinha completado setenta anos. Setenta anos de muita insatisfação e de muito trabalho (o meu pai, alfaiate de profissão desde os dezassete anos, trabalhou quase todos os dias da sua vida das oito horas da manhã até cerca da meia-noite, salvo aos domingos, em que só trabalhava de manhã). Sempre com os olhos postos nos filhos, para quem projetou uma vida melhor que a dele.

A morte não lhe deu tempo para descansar um pouco e para gozar a felicidade de se realizar através dos filhos e dos netos.

Trinta anos passados sobre a sua morte, dedico esta edição à memória dele, recordando-o com muita saudade e com todo o respeito, procurando honrar a sua memória e o seu exemplo de homem inteligente, honrado e trabalhador.

No início da década de 1950, o meu pai tentou a sua sorte como emigrante no Rio de Janeiro, onde viviam dois irmãos da minha mãe. Apesar das dificuldades que encontrou, conseguiu viajar do Rio de Janeiro para São

---

<sup>1</sup> Notas de abertura da 2ª edição brasileira de *Do Capitalismo e do Socialismo – Polémica com Jan Tinbergen*, Prémio Nobel da Economia, Porto Alegre, Livraria do Advogado editora, 2018.

Paulo e foi visitar e conhecer os três irmãos mais velhos, que tinham emigrado para São Paulo, no início da década de 1920, pouco depois da morte da mãe. Quando eles partiram, ainda meninos, o meu pai, que era o mais novo de seis irmãos, teria uns dois anos de idade, no máximo.

O meu tio Luciano (o mais velho) já tinha morrido. Mas um dos meus irmãos recebeu o nome de Luciano. E a uma das minhas irmãs foi dado o nome de Angelina (tal como a filha mais velha do meu Tio Luciano), que era o nome da minha avó paterna. Estavam vivas a minha tia Ermelinda e a minha tia Francelina, que receberam o meu pai com muito carinho, um carinho que ele sempre recordou, até ao final dos dias.

A minha tia Francelina tinha ficado viúva há pouco tempo. Foi ela que ofereceu ao irmão mais novo o dinheiro que permitiu ao meu pai comprar o bilhete (de navio) para regressar a casa, falhada a tentativa de organizar a vida no Brasil. E, porque não tinha filhos, ofereceu ao meu pai a corrente de ouro do marido (uma jóia considerada em Portugal uma jóia de família), com a indicação de que, quando o meu pai morresse, ela deveria ficar para o filho mais velho. Antes de morrer, o meu pai deu-me a corrente que foi do meu tio, que eu não conheci. Guardo-a comigo com muito carinho. Obrigado pela sua sensibilidade e pela sua generosidade, Tia Francelina. Recordá-la-ei sempre com muito carinho e muita ternura.

Dedico este livro também à memória de todos os familiares do meu pai (meus tios e primos) que viveram e morreram em São Paulo. E saúdo as duas primas ainda vivas, que conheço pessoalmente (não conheci a Angelina; a Alice, que ainda conheci, faleceu entretanto), a Neide e a Emília, bem como os seus filhos e netos.

Creio que o meu pai não acharia justo que eu esquecesse aqui a família do Rio de Janeiro, que o acolheu de braços abertos quando ele chegou à *cidade maravilhosa*, em 1953. Lamento, até hoje, não ter tido a possibilidade de visitar o RJ em vida dos meus tios Joaquim e José Ventura, irmãos mais

velhos da minha mãe.

Conheci o Tio Joaquim quando, em 1952/1953, ele voltou a casa, de onde tinha saído com 13 anos (a minha mãe, que nasceu em 1915, ainda não tinha nascido). Foi para matar saudades e acrescentou as saudades da terra, que o acompanharam até à morte. Não conheci a Tia Aida, nem a filha Lucy (a mais velha, que visitou Portugal quando eu estava fora do País e que faleceu antes de eu começar a visitar o RJ), e não conheço a minha prima Leila (um dia destes vamos encontrar-nos!). Mas conheci a Leny, também já falecida.

Não conheci pessoalmente o Tio José Ventura, mas ele faz parte da minha vida, porque a minha mãe sempre falou dele como um segundo pai e continua a recordá-lo (mesmo agora, com 102 anos) com imensa ternura. O Zé Ventura é o seu irmão querido.

Ao recordar aqui o meu pai, recordo todos eles com emoção. E saúdo também as filhas do meu tio José Ventura, a Marina Clara (os seus filhos e netos) e a Ondina, sobretudo a Ondina, portuguesa e brasileira, que é uma espécie de ponto de encontro da família, sempre tão próxima de nós, como se vivesse aqui connosco, que me ensinou a ser, como ela, português e brasileiro.

Coimbra, outubro de 2017  
*António José Avelãs Nunes*

## **Duas palavras sobre a história deste livro e a sua circunstância**

Quando este livro nasceu tinha eu trinta anos. E Portugal vivia ainda sob a ditadura fascista, na altura sob a ‘chefia’ de Marcelo Caetano.

Os textos que então escrevi, no âmbito desta minha ‘conversa’ com Jan Tiberghen (que tinha ganho em 1969, juntamente com o norueguês Ragnar Frisch, o chamado *Prémio Nobel da Economia*, atribuído nesse ano pela primeira vez) destinavam-se a ser publicados na *Vértice*, uma revista que então se fazia e publicava em Coimbra, cidade onde nasceu, no início dos anos 1940.

Para que a memória não se perca – há muita gente interessada em apagá-la! – quero recordar aqui que, como todas as publicações periódicas portuguesas, a *Vértice* estava sujeita à *censura prévia*. Por isso mesmo é que nunca foi possível assumir-se como revista de inspiração marxista. Dizia-se *Revista do racionalismo moderno...*

No caso da nossa revista, a censura era particularmente dura. Para conseguirmos publicar um número tínhamos de preparar material que daria para dois ou três números, tal o volume dos cortes do lápis vermelho da Comissão de Censura de Lisboa (o regime não confiava nos burocratas que em Coimbra exerciam a função de *polícias do espírito*).

Os textos foram, pois, escritos com a certeza de que iriam ser apreciados pela censura. Só quem passou por essa experiência sabe como era difícil e doloroso, por vezes desesperante, escrever para a censura. O esforço para escapar à tesoura dos censores nota-se em algumas formulações redundantes (às vezes poderão parecer ‘ingénuas’), na busca recorrente da autoridade de certos professores, no subentendido de uma ou outra

observação crítica, no ar vago de certas conclusões, na referência indirecta a certos autores (não se falava de Lenine, mas de Ulianov) ou a certos livros. Mas as marcas maiores ficavam dentro dos que eram obrigados a escrever naquelas condições e a sofrer o vexame da submissão ao lápis dos censores (que, no caso da *Vértice*, era gente letrada).

Por outro lado, a censura impunha que os textos fossem enviados para Lisboa já em provas tipográficas, isto é, já com o encargo financeiro de uma grande parte dos custos da produção industrial da revista. Era mais uma arma utilizada pelo salazarismo para asfixiar as publicações que lhe eram hostis. Como revista militante que era, a *Vértice* não podia sucumbir (e não sucumbiu, apesar das inúmeras dificuldades por que passámos). Mas cada um de nós tinha a clara noção de que nem valia a pena tentar abordar certos temas e sabia que não podia carregar nas tintas dos textos que íamos escrevendo, porque cada corte na censura era mais uma dificuldade na vida da revista.

Por essa altura, a Comissão de Censura cortava, regularmente, uma boa parte dos textos assinados com o meu próprio nome. Recorri, por isso, a alguns pseudónimos, entre os quais o nome do meu avô paterno (Joaquim Martinho), falecido há alguns anos, analfabeto como nascera. Neste caso, resolvi assinar apenas A. A..

O Dr. M. F. Pereira Ramos (o entrevistador de Jan Tinbergen, o primeiro texto deste livro) parece não ter tomado consciência desta minha circunstância, porque, ao apresentar o meu comentário a esta entrevista (o segundo texto do livro, publicado originariamente no número 318 da *Vértice*, referente a julho/1970) sublinhou, em tom que parecia de desagrado ou de censura, o facto de eu ter assinado simplesmente A. A..

Nunca conheci pessoalmente o Dr. Pereira Ramos. Espero que ele não tenha pensado tratar-se, da minha parte, de um gesto de sobrançeria, desprezando a importância do tema ou o facto de poder *conversar* com um

Prémio Nobel. Pelo contrário: o tema interessava-me (e continua a interessar-me) bastante, e não é todos os dias que temos oportunidade de *conversar* em público com um Prémio Nobel. O disfarce do nome foi apenas mais uma artimanha para conseguir que os textos saíssem nas páginas da *Vértice*, trazendo para o espaço público uma *conversa* que não era uma conversa privada.

Qualquer que tenha sido, então, o juízo do entrevistador do Prof. Tinbergen a este propósito, a verdade é que ele foi de uma grande generosidade para com o desprezioso comentário que A. A. tinha publicado na *Vértice*. Talvez valha a pena deixar um apontamento sobre a sua origem. Na *Vértice* funcionavam algumas *secções* (cada uma delas coordenada por um membro efetivo da Redação), para as quais procurávamos cativar a colaboração de jovens universitários interessados nas diferentes problemáticas abordadas na Revista (para além de outras, literatura, cinema, saúde, política, questões económicas e sociais). Cabiame a coordenação desta última. Tendo lido a entrevista de Tinbergen publicada no *Jornal do Fundão*, propus aos jovens (creio que todos meus alunos ou ex-alunos) que elaborassem um comentário à referida entrevista, contrapondo a visão marxista à perspectiva social-democrata do entrevistado.

A elevadíssima craveira de Tinbergen (que eles conheciam, em virtude do Prémio Nobel) e a natureza do tema empolgou os jovens, que elaboraram, em pouco tempo, com grande entusiasmo, o comentário acordado. Como sempre se fazia, discutimos o texto, com a intervenção de todos, guardando para o fim a minha própria intervenção. Que foi de apreço, embora fazendo algumas observações e sugestões de desenvolvimento de um ou outro ponto. Havendo acordo unânime quanto à vantagem de reelaborar o texto, os meus Amigos descarregaram em mim. Não valia a pena eles tentarem de novo, porque bastava eu passar ao papel a minha própria intervenção oral. E assim se fez.

Pois bem. Foi este texto que o Dr. Pereira Ramos, considerou um “trabalho interessantíssimo”, “uma crítica profunda às ideias de Tinbergen”, considerando-o merecedor de ser lido e eventualmente criticado por uma personalidade do gabarito do seu entrevistado, vencedor do Prémio Nobel da Economia. A esta cativante generosidade e, acima de tudo, à exemplar humildade científica do Prof. Jan Tinbergen e à sua grandeza de homem simples (são assim as pessoas excepcionais) devo a honra de ver um dos mais prestigiados economistas daquela época (tinha acabado de receber o Prémio Nobel!) dispor-se a gastar um pouco do seu tempo para responder à prosa humilde do Sr. A. A. (assim me tratou Tinbergen).

Após o regresso das férias grandes, mal cheguei à sede da Revista para a primeira reunião da Redação da *Vértice*, os camaradas da Redação já tinham visto o *Jornal do Fundão*. E anunciaram a boa nova: o Tinbergen respondeu-te! Primeiro não percebi; depois, fiquei atordoado (não era para menos); finalmente, é claro, fiquei contentíssimo.

Mas o meu estado de espírito mudou de imediato, porque a Redação em peso logo me exigiu que eu respondesse ao texto de Tinbergen. Apanhei um susto enorme. Estaria eu à altura de uma resposta condigna a Tinbergen? Teria tempo para preparar um texto que não me envergonhasse e que prestigiasse a *Vértice*? E – questão particularmente angustiante – como conseguiria escrever, de forma a passar no crivo da censura, uma crítica ao ideário social-democrata de Tinbergen apoiada nos princípios da análise marxista? Como iria reagir a censura a tanta ‘falta de vergonha’ da minha parte?

Às vezes, são as circunstâncias que fazem a nossa vida. A verdade é que, naquelas circunstâncias, eu não tinha outra alternativa que não fosse a de meter mãos (e cabeça) à obra, o que me obrigou (no tempo livre das minhas obrigações de jovem docente da Faculdade de Direito de Coimbra) a fazer um grande investimento pessoal para não deixar que o medo me

paralisasse e para fazer as leituras complementares e escrever, um pouco cada dia, o texto com que encerra este livro.

Como já esperávamos, a censura cortou alguns trechos. E eu reclamei, porque a Redação da *Vértice* entendeu que valia a pena arriscar nos protestos junto da Comissão de Censura de Lisboa (entretanto, sob Marcelo Caetano, ‘travestida’ de *exame prévio*). Invoquei que era um debate entre universitários, que eu ensinava estas matérias nas minhas aulas... O diretor da censura respondeu-me, pondo em evidência a natureza subversiva da problemática abordada, escandalizado com o facto de nas universidades portuguesas se ensinarem tais coisas! Obra do diabo, terá pensado o homem...

Fiel à sua missão de libertar os portugueses de toda a literatura ‘subversiva’, a censura manteve quase todos os cortes que tinha feito, mas o coletivo da Redação entendeu que, apesar de tudo, valia a pena publicar o meu texto, o que aconteceu nos números 334/335 (nov-dez/1971) e números 336/337 (jan-fev/1972).

A verdade é que em 1969 os estudantes da Universidade de Coimbra tinham levado a cabo lutas fortíssimas contra a universidade autocrática e salazarista, contra o fascismo e contra a guerra colonial, lutas que terminaram com uma greve a exames que contou com a adesão de cerca de 90% dos estudantes da academia coimbrã. O reitor e o ministro da educação tiveram de ser substituídos.

Neste contexto, entendemos nós, a Redação da *Vértice*, que era nosso dever publicar em livro os textos todos (os de Jan Tinbergen e os meus). Sabendo que corríamos o risco de ver o livro apreendido (o que aumentaria as nossas despesas, em vez de grangearmos algum dinheiro para a Revista), resolvemos integrar nos meus textos os cortes da censura (assim revelando o nosso falta de respeito pela ‘autoridade’). Desta vez, vieram a público tal como eu os escrevi, mas é claro que continuam a exhibir, no tom e no estilo



argumentativo, as ‘cicatrices’ sempre presentes nos textos escritos para ver se conseguiam escapar à fúria censória. Com uma *Nota Prévia* da minha autoria, o livro foi publicado, em 1972, na *Colecção Textos Vértice*, que então editávamos em parceria com a *Atlântida Editora*, uma casa que, entretanto, desapareceu do panorama editorial coimbrão e português.

Este livro – como os leitores compreenderão – constituiu um marco importante na minha carreira de universitário-cidadão. Em 2008, convencidos de que os textos continuavam a ter interesse, eu e o meu Amigo e Colega Orides Mezzaroba acertámos a sua edição no Brasil (Fundação Boiteux, Florianópolis, com um Prefácio do Prof. Gilberto Bercovici). Mantenho hoje a convicção de que vale a pena continuar a refletir sobre a problemática que animou esta minha ‘conversa’ com Jan Tinbergen. Por isso, entendo que se justifica a ousadia (não a tomem por vaidade, por favor) de submeter de novo à leitura e à análise crítica dos leitores estes textos escritos há mais de 47 anos, nas condições descritas. Daí ter aceite a sua reedição em Portugal, com a chancela da Editora Página a Página (que hoje edita, em Lisboa, a Revista *Vértice*).

Daí a felicidade por ver-me acompanhado nesta análise pela Livraria do Advogado Editora (que me honra com esta edição) e pelo meu Colega e meu Amigo José Luís Bolzan de Moraes, que apresentou o meu projeto à Editora. Há anos que tenho pelo meu Amigo e Colega José Paulo Netto grande consideração. É um privilégio para mim ser acompanhado nesta edição por um *Prefácio* dele. Obrigado, meu caro Zé Paulo.

Quando saiu a primeira edição deste livro, os sociais-democratas europeus consideravam ofensa suprema a acusação que lhes era feita pela esquerda marxista e comunista de que as suas políticas não iam além da mera *gestão leal do capitalismo*. Hoje, este equívoco passou à história, porque são os próprios dirigentes dos partidos socialistas e sociais-democratas europeus que proclamam ‘oficialmente’ serem defensores do capitalismo (e até do

neoliberalismo) no que toca à produção, embora se digam socialistas no que toca à distribuição. Por mim, acho que esta equação é uma espécie de *quadratura do círculo*, uma vez que, desde os fisiocratas, a teoria económica ensina que as relações de distribuição não podem separar-se das relações de produção (i. é, da estrutura de classes da sociedade no seio da qual se desenvolve a atividade produtiva).

Seria despropositado abrir aqui este debate. Com ligeiríssimas alterações de forma, o texto que agora vem a lume reproduz o que foi escrito para tentar passar na censura (sendo certo que continuo a pensar o que então pensava, como escreveria agora o que então escrevi?).

Fundamentalmente, o que procurei fazer, ao escrever estes textos, foi a defesa do conceito de socialismo que se afirmou com as obras de Marx e de Engels. É, por isso, uma enorme alegria saber que este livro vai ser de novo editado no Brasil, neste ano em que se comemora o centenário da *Revolução de Outubro*, a primeira revolução socialista vitoriosa em todo o mundo, a revolução que marcou todo o século XX. O que dela resultou – com todas as dificuldades, com todas as contradições, com todos os erros e todas as deficiências – não foi um fracasso, foi um grande êxito, foi um importante passo em frente na vida da Humanidade.

*Coimbra, outubro de 2017*  
*António Avelãs Nunes*